

Desamparo Psíquico Na Contemporaneidade

Adriana Aparecida Almeida de Oliveira

Cizina Célia Fernandes Pereira Resstel

José Sterza Justo

Universidade Estadual Paulista - Assis

Resumo: O presente artigo se propõe a fazer uma reflexão teórica da experiência de desamparo na atualidade, partindo da conceituação do desamparo por Freud e confrontando com análises e reflexões de autores contemporâneos sobre modelos de subjetivação que se despontam nos dias atuais. O desamparo aparece, já nas primeiras experiências da vida, como resultado da incompletude do organismo, de sua necessidade de realizar trocas com o mundo e da extrema dependência da ajuda de outros. A cultura contemporânea acentua o individualismo, por um lado, acenando com maiores possibilidades de realização de desejos, por outro, tornando os vínculos e relacionamentos efêmeros e tênues. Na ausência de um continente sólido, seguro e estável para as experiências emocionais e afetivas surgem sentimentos de desamparo que ativam mecanismos de defesas primitivos, contribuindo para a acentuação de formas de subjetivação regressivas e para o declínio do simbólico.

Palavras – Chave: Psicanálise; Desamparo; Contemporaneidade.

Psychic Helplessness in Contemporaneity

Abstract: This article has as a purpose to make a theoretical reflection on the experience of helplessness in the recent days. It starts from the Freud's concept of helplessness, and compares it with analyses and reflections from contemporary authors on models of subjectivation which have risen at the present time. In the first experiences of life helplessness comes out as a result of an incompleteness of the organism, its need to perform exchanges with the world, and the extreme dependency on help from others. On the one hand, the contemporary culture highlights the individualism, which indicates good possibilities for granting desires. On the other hand, it makes bonds and relationships ephemeral and fragile. At the absence of a solid, safe and stable continent for affective and emotional experiences a feeling of helplessness appears. It activates primary defense mechanisms, contributing to the intensification of regressive forms of subjectivation and the decline of the symbolic sphere.

Key-words: Psychoanalysis; Helplessness; Contemporaneity.

Introdução

O presente artigo se propõe a fazer uma reflexão teórica que procura discutir, a partir autores e teorias consagrados, a experiência de desamparo na atualidade. Optou-se pela utilização da revisão narrativa, que se caracteriza segundo Rother (2007) por uma revisão bibliográfica qualitativa que privilegia a interpretação e análise crítica e pessoal do autor. Nesta direção buscamos a conceituação do desamparo nas obras freudianas e em seguida realizamos uma revisão da produção bibliográfica de autores contemporâneos que tratam do desamparo e das formas de subjetivação que se despontam nos dias de hoje.

A palavra desamparo foi encontrada nos escritos de Freud em 1895, no “Projeto para uma psicologia científica”, no tópico em que trata da “experiência de satisfação”. Nesse texto, Freud (1886-1889/1996) relata que o recém-nascido precisa de ajuda alheia para promover a ação específica de que necessita para sua sobrevivência. A ajuda necessária será encontrada na figura de um adulto que passará a responder aos sinais de apelo do bebê. Essa comunicação, que ocorre e que se estabelece entre o bebê e a sua mãe, é de extrema importância para o desenvolvimento psicológico. O sentimento de desamparo, portanto, aparece já nas primeiras experiências da vida, como resultado da incompletude do organismo, de sua necessidade de realizar trocas com o mundo e da extrema dependência da ajuda de outros.

O conceito de desamparo foi se modificando e se prestou a designar desde um estado de imaturidade infantil até a necessidade de dependência que o bebê tem de ter do objeto primário para realizar suas ações específicas. Foi também entendido como importante para a edificação da civilização, posto que, temendo o desamparo, o homem teria estreitado o relacionamento com seus pares para superar coletivamente suas fragilidades, ainda que às custas de renúncias pulsionais. Enquanto um sentimento estruturante do psíquico, o sentimento de desamparo é imprescindível para a descoberta da dependência e da inevitável relação com o mundo.

Se, em outras épocas, predominaram experiências de bastante proximidade e vinculação com o outro, no âmbito de agrupamentos menores tais como o da família ou maiores como o de uma comunidade ou mesmo de uma cidade, atualmente o outro tem sido mantido um pouco mais à distância e os vínculos são mais passageiros e tênues.

Segundo alguns autores, o indivíduo contemporâneo vive no tempo do desamparo (Macedo, 2012, Birman, 2006; Kehl, 2002; Cardoso & Savietto, 2006), utilizando-se de mecanismos de defesas primitivas, assim, contribuindo para a acentuação de formas de subjetivação regressivas e para o declínio do simbólico. A desobrigação de responsabilidades sociais desponta-se como uma lógica que acentua o individualismo e enfraquece os laços com o outro.

Conforme Harvey (1992), Bauman (2001; 2005), Augé (1994), Tanis (2004), Birman (2006) e Carvalho (1998) o sujeito vivencia situações transitórias, efêmeras e fragmentárias, e distancia-se de instituições que antes lhe ofereciam estabilidade. Desse modo, o homem contemporâneo deixa de estruturar-se com os pilares da sociedade moderna, produtora de instituições (família, fábrica, escola, prisões, dentre outras), calcadas em espaços fechados e tempos segmentados, para constituir-se na lógica pós-moderna ou, como se queria chamar, o tempo atual marcado pela produção de espaços abertos, de tempo contínuo e de aceleração da vida.

Minerbo (2013) propõe que a modernidade, cujo ápice foi alcançado no século XIX e meados do século XX, caracterizou-se pela forte ligação dos indivíduos com as grandes instituições como família, educação, política e religião, marcadas pela solidez. Estas carregavam em si a possibilidade de legislar sobre a vida de seus membros, determinando o modo de pensar e a subjetividade do sujeito, ou seja, seu modo de sentir e agir no mundo. Nas palavras da autora: “Há o certo e o errado, o bom e o mau. O sistema simbólico vigente “solda” um significante a um significado que então parece único e natural. Por exemplo: família=casal heterossexual, de preferência com filhos” (Minerbo, 2013, p. 31).

Portanto, havia a necessidade de que o indivíduo se esforçasse para adaptar-se à estreiteza das normas ditadas. A autora pondera que, se por um lado a forte presença castradora das grandes instituições propiciavam referências identitárias sólidas e confiáveis ao sujeito, por outro, o desvio da norma era vivido como sofrimento psíquico e culpa. A psicanalista analisa que o período moderno, do ponto de vista psicopatológico, propiciava o desenvolvimento da neurose, ou seja, um modo de subjetivação baseado num núcleo central constituído pela interdição.

O período pós-moderno, segundo a analista, caracteriza-se pelo enfraquecimento de tais instituições que fundamentaram o desenvolvimento da sociedade ocidental. Destarte, o sujeito encontra-se, por um lado, com maior liberdade para possibilidades de ser e contemplar a singularidade de seu desejo e, por outro, encontra-se em uma situação de desamparo diante da incerteza e insegurança que tal estado de coisas pode trazer. A tarefa de reinventar-se a partir de si mesmo sem poder contar com a função simbolizante que as instituições ofertavam torna-se, na visão da autora, uma tarefa “solitária, angustiante e exaustiva” (Minerbo, 2013). Tal cenário, portanto, mostra-se fecundo para o desenvolvimento do desamparo enquanto modo de subjetivação.

Sobre o Desamparo

A figura materna tem um papel fundamental no desenvolvimento emocional do bebê. A mãe funciona como intérprete das suas ansiedades e medos. A mãe capta as informações que emergem das manifestações do bebê na relação com ela e tenta decodificá-las, devolvendo a ele o que resulta de suas interpretações. Assim, uma boa relação e comunicação fazem o bebê se sentir amparado. De forma contrária, quando a mãe não consegue responder empaticamente às demandas do bebê, ele pode cair em estado de desamparo psíquico.

Freud (1927-1931/1996), em seu texto “O futuro de uma ilusão”, destaca que a mãe satisfaz a fome da criança e se torna o primeiro objeto amoroso e fonte de proteção contra perigos externos e ansiedades. Em seguida, a mãe é substituída pelo pai, na função de proteção. Porém, a criança admira o pai e também o teme, por causa da relação anterior dela com a mãe e, por isso, toma-o como guardião da lei e dos processos civilizatórios como anteparo contra eventuais ameaças de intrusos.

O homem cresce e percebe que seu destino é permanecer uma eterna criança no sentido de que sempre precisará da proteção de poderes superiores. Conforme a figura de um pai, o homem “[...] cria para si os seus deuses a quem teme, a quem procura propiciar e a quem, não obstante, confia sua própria proteção” (Freud, 1927-1931/1996,

p. 33). Podemos dizer que o homem cria Deus, e não Deus cria o homem, para se defender do desamparo infantil revivido na fase adulta, erigindo assim a religião como forma de proteção de si contra ameaças externas.

Em “O futuro de uma ilusão”, Freud (1927-1931/1996) compreende o desamparo não como um momento do funcionamento do psiquismo, mas como uma condição que acompanha o sujeito por toda a sua existência, como sendo um sentimento estruturante.

Fortes (2008) analisando o texto “O futuro de uma ilusão”, destaca uma passagem de Freud na qual revela sua “[...] desagradável suspeita de que a perplexidade e o desamparo da raça humana não podem ser remediados” (Freud, 1927-1931/1996, p. 27). As religiões, então, exploram a inevitável condição de desamparo e asseguram que o sujeito não ficará desamparado, que terá alguém que não lhe abandonará e que poderá se sentir protegido e amparado. Em “Mal-Estar na Civilização”, Freud (1927/1931/1996) assinala que o homem deve fazer renúncias para viver na civilização, privando-se, sobretudo, do prazer e da agressividade. Assim, não perderá o amor do outro e não sentirá culpa e, nesse ínterim, ganhará as bênçãos dos céus. Com a renúncia de pulsões, o homem não correrá o risco de ser abandonado pelo Divino Pai.

Fortes (2008, p. 28), em seu artigo sobre “Masoquismo e desamparo no sofrimento contemporâneo”, comenta “a dependência absoluta e radical do outro”. O organismo sofre uma pressão interna das “fontes endossomáticas” (frio, fome, dor, etc.) em decorrência dos estímulos endógenos que pode desencadear uma “ação específica” que provoque alguma reação externa e, assim, possa diminuir a tensão, promovendo uma sensação de alívio.

Quando a pessoa que ajuda executa o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado, este último fica em posição, por meio de dispositivos reflexos, de executar imediatamente no interior de seu corpo a atividade necessária para remover o estímulo endógeno. A totalidade do evento constitui então a experiência de satisfação, que tem as conseqüências mais radicais no desenvolvimento das funções do indivíduo. (Freud, 1886-1889/1996, p. 370).

Freud (1886-1889/1996), em uma nota de rodapé, explica que o grito do bebê pode ser considerado uma alteração interna. Provavelmente um pedido de ajuda para o outro. Nessa perspectiva, Fortes (2008) aponta que o bebê precisa ter o outro para realizar a ação específica, mobilizando um sentimento no outro de pedido de ajuda para satisfazer suas necessidades, portanto, modificando o meio externo.

Freud (1886-1889/1996, p. 370) em um “*Projeto para uma psicologia científica*”, especificamente na parte que se refere à experiência de satisfação nos revela que “*o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais*”. Isto quer dizer que o sujeito está sempre na dependência e ligado ao outro. Portanto, podemos compreender a necessidade e a grande importância do papel do outro na formação do sujeito, sobretudo, esse outro, que desde as figuras parentais primitivas se prolonga, posteriormente, nas demais relações sociais estabelecidas ao longo da vida.

Freud (1925-1926/1996, p. 161) em “*Inibições, sintomas e ansiedade*”, relata que o desamparo está relacionado com a ansiedade na situação de perigo.

[...] ela consiste na estimativa do paciente quanto à sua própria força em comparação com a magnitude do perigo e no seu relacionamento de desamparo em face

desse perigo - desamparo físico se o perigo for real e desamparo psíquico se for instintual. [...] Denominemos uma situação de desamparo dessa espécie, que realmente tenha experimentado, de situação traumática. (Freud, 1925-1926/1996, p. 161).

O perigo sentido pela criança, segundo Freud (1925-1926/1996), é o de perder o objeto protetor e de ser abandonado por aquele que a livra da situação de desamparo psíquico e motor. A criança precisa de ajuda do outro para sua própria sobrevivência, pois quando se perde o amor do outro, surge a angústia do abandono.

Costa (2007) menciona que o termo desamparo aparece nos textos de Freud na discussão sobre os estímulos interiores ou exteriores que afetam o organismo do ser humano. Considera que a resposta adequada a esses estímulos é a “ação específica” motora ou psíquica. Sua função é cessar o estímulo pela satisfação ou pela fuga da situação de sofrimento. Quando isso não ocorre, o estímulo excede a capacidade de resposta. Entretanto, o indivíduo cai em desamparo, podendo desencadear defesas inadequadas, ou seja, psicopatologias. Em outro texto, o desamparo biológico aparece como ideia de “pré-maturação” do ser humano:

O fator biológico é o longo período de tempo durante o qual o jovem da espécie humana está em condições de desamparo e dependência. O fator biológico, então, estabelece as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado que acompanhará a criança durante o resto de sua vida. (Freud, 1925-1926/1996, p.151).

Costa (2007) comenta o fator biológico mencionado por Freud, situando o corpo como ponto de partida para a constituição desse sentimento. Segundo ele, a expressão “ter necessidade” designa uma condição biológica objetiva de dependência diferentemente daquela que se instala no plano afetivo-emocional. Cita exemplos de aparelhos eletrônicos que precisam da energia para recarregar suas baterias para ter um funcionamento adequado e não é porque dependem da energia que são desamparados. Então, ter necessidade, especificamente nesses casos, significa que sem a energia regulada, os aparelhos estarão paralisados ou prejudicados, diferentemente dos estados afetivos de “falta ou carência” característicos dos organismos de fala, capazes de atos intencionais, como os organismos humanos.

À vista do exposto, podemos concluir que, em qualquer tempo, o indivíduo pode sentir-se desamparado por uma série de condições de ordem biológica, psicológica e social, constituídas historicamente e que podem disparar movimentos regressivos e defesas arcaicas, como tentativas de reaver um suposto estado de aconchego, provido pelo objeto primário.

A condição do sujeito na contemporaneidade

A contemporaneidade, conforme foi dito anteriormente, caracteriza-se pelo enfraquecimento de instituições que antes ofertavam segurança, acolhimento e possibilidade de simbolização ao sujeito. Segundo Minerbo (2013, p. 32-33): “ [...] o

psiquismo depende das significações oferecidas pelas instituições para poder atribuir algum sentido à realidade e simbolizar as experiências emocionais”.

Nesse contexto Birman (2006) propõe que o vazio se configura como marca principal do contemporâneo, sendo que este se origina da situação de insegurança estrutural com a qual o sujeito se depara. O autor afirma que a instabilidade do mercado de trabalho, a destruição dos valores morais, o cansaço de si mesmo e a desposseção subjetiva propiciam tal estado.

O indivíduo contemporâneo ao se deparar com a perda de referenciais antigos de vida acaba por vivenciar tal estado de esvaziamento subjetivo. Minerbo (2013) emprega o termo “depleção simbólica”, o qual emprestou da medicina, para referir-se à diminuição de alguma substância no meio celular, que acaba por causar prejuízos ao organismo vivo, quando está em falta. Nesse sentido, reitera que, na atualidade, o sujeito vivencia uma insuficiência/fragilidade do símbolo, passando a encontrar grandes dificuldades para lidar com sua angústia. A experiência do excesso, engendrada pelo consumismo, pela aceleração da vida e ampliação do espaço, causa a desorganização das funções e fronteiras do psiquismo, propiciando a angústia de morte.

A depleção simbólica produz uma identidade claudicante e mal integrada, o que pode ser vivido como ameaça de despersonalização ou ruptura da continuidade do ser. Sintetizando, o sofrimento psíquico nos distúrbios narcísico-identitários envolve tanto a dificuldade na gestão da angústia, por parte do ego, quanto o sentimento de claudicação da identidade (Minerbo, 2013, p.37).

A partir da depleção simbólica o sujeito passa a buscar mecanismos compensatórios, sendo eles: transbordamento pulsional, desinvestimento pulsional, comportamentos aditivos e comportamentos compulsivos.

O transbordamento pulsional, segundo Green (1988 citado por Minerbo, 2013, p. 36), relaciona-se à carga emocional que o psiquismo não consegue conter/elaborar em seu espaço próprio e tem a necessidade de evacuar, lançando-os para o campo social (para fora) ou para o soma (para dentro), espaços estes fronteiros com o campo psíquico. A atuação para fora se dá com a finalidade de evitar a realidade psíquica e pode manifestar-se no meio social. Exemplos são a violência na relação entre cônjuges e pais e filhos. Nas manifestações somáticas é o corpo biológico que recebe o excedente pulsional que o psiquismo não consegue elaborar. O autor reitera que não é o corpo erógeno que possui valor simbólico e é utilizado pela psique; não há possibilidade de construção simbólica relacionada ao corpo libidinal como na histeria. As somatizações são constituídas de grande agressividade.

O desinvestimento pulsional relaciona-se ao tédio, apatia e vazio, ou seja, a impossibilidade de ligar-se e investir em objetos. O sujeito vivencia uma “angústia branca”, termo que Minerbo (2013) utiliza a partir do psicanalista Green (1988) para nomear este sofrimento ligado ao negativo e ao vazio psíquico e que se utiliza de forma maciça de defesas ligadas a desobjetalização, que por consequência deixam traços no inconsciente na forma de buracos psíquicos.

Os comportamentos aditivos são mais aceitos socialmente e relacionam-se à adição de estímulos sensoriais com os quais o indivíduo, a partir de si próprio, consegue tranquilizar-se, buscando “próteses identitárias” (Minerbo, 2013). As adições podem se realizar tanto com substâncias psicoativas, legais ou ilegais, quanto com atividades

físicas em excesso ou esportes radicais, sendo que as segundas objetivam a sensação física em si mesma que pode oferecer ao sujeito a sensação de integração somatopsíquica. Nesse sentido, o sujeito coloca-se em situações de esforço físico para sentir-se vivo e dar continuidade a sua existência, em oposição às sensações de vazio e angústia. Nas palavras da autora (2013, p. 38): “Podemos falar em adições quando o sujeito recorre a substâncias e comportamentos que visam atenuar a angústia (de fragmentação, persecutória etc.), ou estimular e excitar o ego tomado pelo tédio e pela apatia (angústia branca)”.

Outra possibilidade são os comportamentos compulsivos determinados pela cultura que estão ligados, segundo a autora, ao fracasso na busca de um sentido. O consumo, nesse contexto, apresenta-se como “prótese identitária” (Minerbo, 2013), ofertando uma possibilidade de simbolizações fugazes ao sujeito contemporâneo. Entram nesta categoria também a compulsão a malhar e a consumir bebidas alcoólicas, que oferecem um lugar social, principalmente, aos adolescentes.

Pode-se dizer que estes mecanismos compensatórios são maneiras que o sujeito contemporâneo vem encontrando para lidar com seu desamparo e enfraquecimento das grandes instituições. Na ausência destas, não é possível encontrar lugares onde o sujeito possa aliviar sua angústia, nas palavras da pesquisadora: “Em outros termos, a parte mais primitiva de nosso psiquismo se deposita na instituição, que se encarrega de “contê-la”. E vice-versa, a instituição forma o pano de fundo de nossa vida psíquica (MINERBO, 2013, p. 33)”. Por consequência, é vivenciada a emergência do trauma e da desorganização no mundo subjetivo do indivíduo que fica impossibilitado de simbolizar e integrar suas experiências, passando a pulsionalidade ao estado constante de desligamento e, assim, o psiquismo torna-se preenchido de maneira excessiva pela energia livre ocasionando as estratégias defensivas radicais anteriormente citadas.

Além da fragilidade das instituições, a sociedade atual também caracteriza-se pela mudança na temporalidade das relações que passam à condição de efêmeras e transitórias. A hipermodernidade, propõe Augé (1994), cria espaços os quais o sujeito reconhece apenas como de passagem. Os trechos percorridos no desenrolar de seu caminho constituem-se apenas como uma estrada sem grandes significações, na qual o indivíduo é conduzido na sua viagem, pelas prescrições que orientam e indicam o rumo a seguir.

Tanis (2004) enfatiza que, no tempo atual, torna-se particularmente acentuada a experiência da “solidão na multidão”. Por, um lado há o intenso desenvolvimento tecnológico, a “diminuição das distâncias”, proporcionada pelo avanço dos meios de transportes reais e até mesmo virtuais, pois atualmente é possível comunicar-se de maneira bastante facilitada com pessoas a grandes quilômetros. Por outro lado, predomina, paradoxalmente, o abrandamento dos vínculos e dos relacionamentos, somado ao individualismo e ao temor ou ao incômodo suscitado pela presença do outro.

Entretanto, somente o vínculo permite a ligação do homem com um objeto e é capaz de transformar o espaço vazio em habitável, em um lugar. A experiência contemporânea do tédio, por exemplo, é a experiência do não-lugar, do vazio, da falta de sentido à existência, posto que é a relação com o outro que nos torna humanos. O que funda e mantém viva a existência é a capacidade humana de produzir encontros.

O sujeito desamparado permanece solitário diante de tantas faltas. Buchianeri (2012) analisa que há o desperdício da capacidade humana de se relacionar e se organizar em uma coletividade; o homem falha na constituição de uma das principais obras para a sustentabilidade do mundo e de si mesmo: a parceria com o outro e o coletivo, que, conforme afirma o autor, é essencial à sua singularidade. Diante de tal contexto Buchianeri (2012) afirma que devido à compressão do espaço e do tempo, o sujeito não dispõe de elementos que são vitais para a construção de uma relação com o outro, pois como não há padrões de relacionamento faz-se então necessária a construção destes em um trabalho árduo.

O sujeito, paradoxalmente, sente-se impossibilitado do contato com o outro, sendo que este traz em si a possibilidade de lidar com este mal estar contemporâneo e de tantos outros no desenvolvimento humano. É através da companhia do outro que se torna possível tanto o desenvolvimento de um recém-nascido como o da sociedade. O poeta Fabrício Carpinejar, em artigo publicado no jornal Zero Hora (30 de julho de 2013), escreveu com maestria: “O impossível é possível a dois”.

O ambiente atual não se mostra apenas como um planeta sombrio e inabitado, mas mostra-se como um espaço em que, para ocorrer a formação de um vínculo, é necessário grande despojamento de si. A internet tem se mostrado um lugar em que se estabelecem grupos potenciais na busca de amparo e acolhida. Nas palavras de Minerbo (2013), as redes virtuais oferecem uma “rede de continência afetivo-simbolizante”. Pode-se notar que são diversos os números de comunidades nas redes sociais (p.ex., Facebook, blogs, entre outros) em que pessoas se utilizam de determinado espaço para dividirem angústias, preocupações, trocarem experiências. Nesse sentido, embora estas relações sejam prioritariamente virtuais, podem auxiliar e minimizar a “crise identitária” (Minerbo, 2013), que se acentua no contemporâneo, na qual os sujeitos desamparados tomam para si a tarefa de distinguirem-se e distanciarem-se uns dos outros e a vida torna-se solitária, angustiante e exaustiva.

Relações entre o desamparo e a atualidade

O desamparo matricial, vivido na situação de extrema dependência do organismo, no início da vida, desenrola-se no estreito cenário do relacionamento da mãe – da figura primeira encarregada da função materna – com o bebê. A comunicação que ocorre e que se estabelece entre o bebê e a sua mãe, é de extrema importância para o seu desenvolvimento. Descrevendo sobre o desenvolvimento infantil, Minerbo (2013) afirma que a função materna oferta ao bebê a possibilidade de dar sentido à realidade, não importando qual sentido seja, e, portanto, a possibilidade de um “apaziguamento simbolizante”. A ausência de sentido, ou seja, de ligação entre os elementos da realidade e o bebê impede o investimento das pulsões em objetos ou leva ao seu desligamento, o que é intensamente desorganizador para o psiquismo. O descentramento da figura paterna é outro elemento da estrutura psíquica que predispõe à experiência do desamparo (Menezes, 2005). Sem esse manto protetor que servia de refúgio ou de casamata contra hostilidades e adversidades do mundo o sujeito se sente desamparado, ainda mais com a fragilidade da lei e do simbólico que acompanham tal processo de descentramento da figura paterna.

As instituições, assim como a função materna e paterna, apesar de seu caráter repressor, ofereciam tal continência aos sujeitos instituídos e, hoje, é a liberdade e possibilidade de viver de maneira criativa que se torna paradigmática. Entretanto, conforme Winnicott (1967), o sujeito só poderá acessar tal inventividade se houver experienciado, no início de sua existência, cuidados adequados. Sendo assim, a criança que receber os cuidados adequados da figura materna poderá vivenciar a descoberta de todos os objetos ao seu redor e tomá-los como um exemplo de uma vida criativa. Encontra, destarte, nesse desvendar, a possibilidade de um viver inventivo. A inadequação dos cuidados, na vida inicial do recém-nascido, prejudicará a formação de uma área que forneça espaço para brincadeira e experiência cultural. O sujeito, então, torna-se privado de um elo com a herança cultural e da possibilidade de contribuir para um fundo cultural. Em tal realidade contemporânea será que o sujeito pode vivenciar esta situação de segurança para, então, desenvolver a criatividade e singularidade?

Winnicott (1975), ao enfatizar a tradição e a experiência cultural, no processo de desenvolvimento psicológico, nos adverte sobre as consequências do esmaecimento da história na cultura contemporânea, o que pode levar à constituição de um sujeito "a-histórico". Perdendo a possibilidade de encontro com o passado, o indivíduo se priva de sua originalidade. Safra (1999), escrevendo sobre o contexto da psicoterapia, relata que este desenraizamento social e cultural pode levar o indivíduo a vivenciar angústias impensáveis. A retomada de elementos que insiram o indivíduo na sua etnia e cultura, ou seja, resgatem elementos culturais do passado, possibilitam ao sujeito novas possibilidades de ser e estar no mundo. Esse desligamento de sua história também leva o sujeito à experiência de desamparo.

Se a criança precisa da ajuda do outro para sua própria sobrevivência, é possível notar que o adulto também. Os perigos internos, conforme afirmado anteriormente, sofrem modificações de acordo com o período de vida, mas possuem uma característica comum, a saber: envolvem a separação ou perda de um objeto amado, ou perda de um amor. Uma perda ou separação que, de várias maneiras, poderá conduzir a um acúmulo de desejos insatisfeitos e, assim, levar a uma situação de desamparo. Podemos dizer que, neste momento da história, talvez o sujeito nem ao menos tenha a possibilidade de experimentar a perda do objeto amado posto que amar ou odiar configura e pressupõe a existência de uma relação intensa e é exatamente isso que o mundo atual não privilegia.

O período atual, caracterizado por maior flexibilidade, traz maiores questionamentos e sensações de falta diante do enfraquecimento da Lei. Freud (1886-1889/1996, p. 370) nos revela, conforme foi mencionado anteriormente, que “*o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais*”. A construção de valores e novas formas de ser vêm sendo também fonte de desamparo. No entanto, representam avanços na civilização posto que, em outros tempos, valores e instituições rígidos produziram grandes tragédias, tanto no plano individual quanto no coletivo. A situação é paradoxal: “Como vemos, instituições excessivamente fortes produzem um tipo de mal-estar na civilização, e instituições excessivamente frágeis produzem outro tipo de mal-estar (Minerbo, 2013, 32-33)”.

Freud (1927-1931/1996 a), ao propor o desamparo como uma condição que acompanha o sujeito por toda sua existência, possibilita o entendimento desta vivência contemporânea que é caracterizada por avanços e retrocessos. Se, por um lado, há a possibilidade de abertura para o novo e a consideração e respeito pela diferença, por

outro, nota-se uma sociedade que não admite emoções como tristeza, dor, entre outras, e que procura neutralizar tais sentimentos pela lógica do consumo, conforme mostra o grande avanço da indústria farmacêutica que promete o fim de vivências que, a despeito de serem importantes, como parte da subjetividade, são desagradáveis e pesadas.

Considerações Finais

Um dos paradoxos do momento atual é que, se por um lado o sujeito tem o aceno de possibilidades maiores de realização desejos, em comparação com outros tempos, por outro, sente grande desamparo para realiza-los numa situação de segurança, solidariedade e ajuda coletiva, sendo lançado à própria sorte.

Diante dos impasses que ainda se colocam entre a abertura de caminhos para o desejo e o fortalecimento dos laços e da convivência sociais, são comuns as visões catastrofistas, semelhantes à de Schereber (1998) diante da ebulição do mundo provocada pelo vendaval da modernidade, no século XIX. O mundo atual pode parecer, neste início de outro século, também tomado por mudanças que estariam colocando a humanidade à beira de um grande abismo. Via de regra, diante de tais diagnósticos pessimistas, surgem fantasias de retorno, de recuperação de um suposto paraíso perdido, como se o passado tivesse sido glorioso.

Se é verdade que, hoje, estamos assolados por uma condição de desamparo, nada prazenteira e confortável, a situação não foi melhor em tempos de amparo enclausurador e coercitivo. Na verdade, a relação que enclausura, em troca de uma suposta proteção – o que também é bastante comum nos dias de hoje e que pode incluir comunidades inteiras dominadas por organizações mafiosas e criminosas, por exemplo – não se caracteriza propriamente como uma relação de amparo, no sentido psicanalítico. Da mesma forma, a suposta abertura dos espaços e abrandamentos de fronteiras psicossociais não significam, por si, maior liberdade ou expansão da vida.

O desafio é frear as forças conservadoras, regressivas e a compulsão à repetição para se poder pensar e explorar alternativas de superação de dilemas que ainda insistem em se apresentar nas buscas de possibilidades de expansão e proliferação da vida capazes de conciliar as investidas do homem rumo ao futuro com o fortalecimento dos laços e das conexões sociais.

Bibliografia

- Augé, M. (1994) Não lugares: introdução a uma antropologia da super modernidade. Campinas: Papiros.
- Bauman, Z. (2001) Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. Identidade. (2005) Rio de Janeiro: Zahar.
- Birman, J. (2006) Arquivos do mal-estar e da resistência. Rio de Janeiro: civilização brasileira.

- Buchianeri, L.G.C. (2012) Velocidade e Tédio: o paradoxo da adolescência no mundo contemporâneo. 119f. Tese de Doutorado, Psicologia. Universidade Estadual Paulista-Faculdade de Ciências e Letras, Assis.
- Carpinejar, F. (2013) O impossível é o sobrenome do medo. In: Zero Hora, Porto Alegre: 30 jul. 2013. Coluna semanal, p. 2. Recuperado em 12/11/2013: <<http://carpinejar.blogspot.com.br/2013/07/o-impossivel-e-o-sobrenome-do-medo.html>>.
- Carvalho, P. R. (1998) O tédio nosso de cada dia: uma análise parcial dos processos de subjetivação da contemporaneidade. Tese de Doutorado, Psicologia. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Costa, J. F. (2007) O risco de cada um e outros ensaios de psicanálise e cultura. Rio de Janeiro: Garamond.
- Freud, S. (1996 a). Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. In: _____. Obras completas (v. I p. 335-396). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1886-1889).
- _____. (1996 b). Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos. In: _____. Obras completas (v. XX p. 77-170). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925-1926).
- _____. (1996 c). O futuro de uma ilusão e o mal-estar na civilização e outros trabalhos. In: _____. Obras completas (v. XXI, p.13-73). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927-1931).
- Fortes, I. (2008) Masoquismo e desamparo no sofrimento contemporâneo. Revista Pulsional de Psicanálise. 21 (4), p. 27-38. São Paulo.
- Harvey, D. (1992) Condição pós – moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola.
- Kehl, M. (2002) O homem moderno, o desamparo e o apelo a uma ética. In: Sobre ética e psicanálise (pp. 39-75). São Paulo: Companhia das letras.
- Laplanche, J.; Pontalis, J. B. (1970) Vocabulário de psicanálise. (2a. ed.) Santos: Martins Fontes.
- Macêdo, K.B. (2012). O desamparo do indivíduo na modernidade. Ecos: estudos contemporâneos da subjetividade. 2 (1), 94 – 107. Acessado em 17/12/2013 do: <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/view/742>
- Menezes, L.S. (2005). Pânico e desamparo na atualidade. *Àgora*. 8 (2), p. 193-206. Rio de Janeiro.
- Minerbo, M. (2013). Ser e sofrer, hoje. *Ide*, 35(55), 31-42. Recuperado em 17 de dezembro de 2013, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000100004&lng=pt&tlng=pt.
- Rother, E. T. (2007). Revisão Sistemática x Revisão Narrativa. *Acta Paul Enferm*, 20 (2): vi. Recuperado em 31 de agosto de 2014, de

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002007000200001&script=sci_arttext

Safra, G. (1999). A clínica em Winnicott. *Natureza humana*, 1(1), 91-101. Recuperado em 18 de dezembro de 2013, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24301999000100006&lng=pt&tlng=pt.

Savietto, B. B., & Cardoso, M. R. (2006). Adolescência: ato e atualidade. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 6(1), 15-43. Recuperado em 17 de dezembro de 2013, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000100003&lng=pt&tlng=pt.

Tanis, Bernardo. (2004) *Circuitos da solidão: entre a clínica e a cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo/FAPESP.

Winnicott, D. W. (1975) A localização da experiência cultural. In: _____ *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago

Recebido: 27 de maio de 2014.

Aprovado: 01 de junho de 2014.